

**A ARTE FESTIVA EM PIRENÓPOLIS: OS SÍMBOLOS E SONS PRESENTES NA
FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Aline Santana Lôbo

Mestranda em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela UEG, UnuCSEH de Anápolis; Graduada em Pedagogia pela Faculdades da Associação Educativa Evangélica.
alinesantanalobo@gmail.com

Ronypeterson Morais Miranda

Mestrando em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela UEG, UnuCSEH de Anápolis; Graduado em Tecnologia de Gestão em Turismo pela UEG, UnU de Pirenópolis.
ronyrpn92@gmail.com

149

RESUMO: Pirenópolis possui rico patrimônio cultural que representa as identidades locais através de inúmeras manifestações, tais como, as festas populares, as artes e os sons diversos. Esta representatividade é percebida claramente nos símbolos encontrados nos festejos em louvor ao Divino Espírito Santo – festa, surgida no século XIX, registrada como Patrimônio Cultural Nacional, que acontece anualmente na cidade e traduz as tradições locais. A festa tem dentre alguns símbolos a pomba branca indicando a descida do Espírito Santo, as cores vermelha, branca e azul e os sons das marchas, dobrados e os ritmos marcados pelas caixas de couro que compõem a paisagem festiva encontrada nas diversas artes que retratam a festa. Objetiva-se neste trabalho compreender as relações culturais, presentes nos festejos em louvor ao Espírito Santo, em suas múltiplas formas de expressão artística ressaltando a importância que a festa exerce para a população local. As manifestações artísticas presente nos artesanatos e na musicalidade serão o foco do estudo, pois a Festa do Divino Espírito Santo embora muito comemorada em diversas partes do Brasil assume diferencial relevante em Pirenópolis, englobando características peculiares que a singulariza realçando-a pelas artes nas suas mais variadas externalizações.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Musicalidade; Festa do Divino.

ABSTRACT: Pirenópolis has rich cultural heritage that represents local identities through numerous events such as folk festivals, arts and various sounds. This representation is clearly seen in the symbols found in the festivities in honor of the Holy Spirit - Party, which emerged in the nineteenth century, registered as National Cultural Heritage, held annually in the city and reflects the local traditions. The festival has some symbols among the white dove indicating the descent of the Holy Spirit, the red, white and blue colors and the sounds of gears, bent and rhythms marked by leather boxes that make up the festive landscape found in the various arts that depict party. Objective of this paper is to understand the cultural, relationships present in the festivities in honor of the Holy Spirit, in its multiple forms of artistic expression highlighting the importance that the party exercises for the local population. The present artistic manifestations in crafts and musicality will be the focus of the study because the Festival of the Holy Spirit

though much celebrated in many parts of Brazil, takes relevant differential Pirenópolis, encompassing unique characteristics that distinguishes it highlighting the arts in its various externalizations.

KEYWORDS: Art; Musicality; Festa do Divino.

Considerações Iniciais

Muitos núcleos populacionais goianos tiveram seu descobrimento quase que exclusivamente em função da busca pelo ouro, onde os bandeirantes enfrentavam não apenas a incerteza de sucesso na missão, como também doenças, animais selvagens e territórios inóspitos no decorrer de suas jornadas em busca do metal amarelo (JAYME, 1971). Assim, em 1727 verificava-se a descoberta de mais uma mina de exploração, esta denominada de Meia Ponte, onde nos confrontes da serra dos Pireneus, o companheiro de Bueno, Manoel Rodrigues Tomar encontrara uma nova jazida para ser explorada (PALACIN, 1994). O então povoado logo se tornou uma importante rota de comércio, desenvolvendo não só sua economia, como também toda a sua cultura local. Segundo Palacin (1994), Meia Ponte era

mais cêntrica [sic.], com melhor clima, no ponto de confluência dos grandes caminhos – São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia – Meia Ponte torna-se logo rival de Santa'Anna. Quando em 1737 o conde Sarzedas vem a Goiás para erigir a primeira vila, são muitos os que pensam que deve ser Meia Ponte e não Sant'Anna a sede do novo município (1994, p. 26).

Durante o apogeu do ouro o povoado cresceu e desenvolveu sua estrutura arquitetônica, possuindo diversas igrejas e casarões. Época em que vários festejos pirenopolinos tiveram início, esses com base na herança portuguesa na cidade como modo de cultuar a época áurea em Meia Ponte. Entretanto, com o declínio da atividade aurífera, o povoado presenciou um processo de decadência, sendo forçado a desenvolver outras atividades econômicas, firmando-se no comércio e na agropecuária. Talvez a produção de açúcar, algodão e mandioca foram os grandes responsáveis pela circulação de pessoas e manutenção do comércio no local durante o século XIX.

Administrando o início desse movimento econômico encontrava-se o Comendador Joaquim Alves de Oliveira, responsável não só pelo Engenho de São Joaquim – atual Fazenda Babilônia – como também era o encarregado de comercializar o algodão produzido na região, além de ser um dos fundadores da Matutina Meiapontense – primeiro jornal a circular na

província goiana (ASSIS, 2007). Desta forma, o comércio e a agropecuária estabeleceram-se como setores que se firmaram no sentido da manutenção da sobrevivência local durante o século XIX e parte do XX (OLIVEIRA, 2011).

Em seus 285 anos de fatos e relatos, o município de Pirenópolisque outrora vivenciara transformações diversas desde a construção de sua Matriz, o modo de vida cotidiana, perpassando o surgimento dos festejos na cidade, o desenvolvimento de suas bases econômicas, desenvolveu também suas identidades e artes diversas, além de popularmente ser considerado o berço da cultura goiana. A cidade, tombada como patrimônio histórico e arquitetônico desde 1989, manteve preservados seus casarões, ruas e igrejas de arquitetura colonial. Sua mais expressiva celebração festiva – a Festa do Divino Espírito Santo foi recentemente registrada como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Iphan.

O Divino na Festa

Diversos autores afirmam que a origem do culto ao Divino Espírito Santo trata-se de um dos resquícios da colonização portuguesa no Brasil. Para Cascudo (1978) e Maia (2002) a festa teve início em Portugal no ano de 1296 “com a construção da Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, estabelecida pela rainha Dona Isabel, no século XIII” (LIMA, 1981, p. 21). No Brasil, o hábito de se cultuar o Divino começou a aparecer no período colonial. Não obstante, sua expressiva aparição no país deu-se no século XVIII, ganhando mais força no século XIX quando os festejos tomaram maior dimensão.

Em Pirenópolis, tais comemorações já aconteciam desde o século XVIII, como afirmam Silva (2001) e Brandão (1978) e Jayme (1971) onde

aquela festa cristã que foi introduzida, na segunda metade do século XVIII, a serem precedentes informações que nos foram prestadas por pessoas cuja existência datada dos primórdios do século XIX [...] a despeito de perseverantes e cuidadosas indagações, notícias exatas, anteriores ao ano de 1819, dessa festa popular, para, para qual ocorrem prosélitos de todos os pontos do município e das povoações vizinhas. (JAYME, 1971, p. 610)

É comum encontrar os festejos similares em diversas partes do Brasil. Entretanto, a grandiosidade da Festa do Divino de Pirenópolis se atribui ao seu recorte espacial que engloba

tanto o meio urbano quanto o meio rural, além de contar com diversas figuras folclóricas e religiosas que no decorrer dos anos se uniram às comemorações. Tais exemplos podem ser vistos nas Cavalhadas que foram agregadas juntamente com a parte religiosa da festa, assim como a peça teatral Pastorinhas, Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, comemorações que saíram de suas datas originais para serem comemoradas durante o auge do domingo do Divino.

Talvez, este seja o festejo de maior prestígio para maioria dos cidadãos, onde através de seus vários folguedos, tais como, folias, congos, dentre outros – cada qual com sua arte e musicalidade própria, transmudam o espaço cotidiano em espaço festivo e sagrado, cultuando-se santos, pagando-se promessas, encontrando pessoas e verificando conflitos. As formas descontraídas de representação dos cultos são teatralizadas e ritualizadas com grandes quantidades de gestos, símbolos, cores e sons, pois a festa torna-se o espaço onde se vê as peculiaridades sociais de uma comunidade.

Apesar de DaMatta explicar que “na festa, comemos, rimos e vivemos o mito da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e esforço físico(1991, p. 38)”, durante a Festa do Divino em Pirenópolis, a população assume postos que os distinguem e os une na organização dos festejos, de forma que, mesmo do mais simples cargo ao Imperador, todos festejam o sagrado e o profano em uma urdidura de excessos, alegrias e religiosidades, pois são nas festas que “se harmonizam por meio de roupas especiais, comidas singulares e, muito especialmente, pela música que congrega e iguala no seu ritmo e na sua melodia” (DAMATTA, 1991. p. 38). Assim, em meios aos seus símbolos e personagens, os festejos em louvor à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade em Pirenópolis se diferenciam e se tornam únicos, sendo conhecidos como patrimônio cultural.

O Divino Pirenopolino

Em Pirenópolis, a Festa do Divino Espírito Santo foi registrada no ano 2010 (IPHAN, 2010).O início do processo de registro foi dado em janeiro de 2008, onde na primeira etapa dessa documentação foram inventariadas cerca de 60 referências culturais associadas direta ou indiretamente com os ícones do Divino. Devido à extensão da festa e de seus vários eventos que em muitas vezes acontecem simultaneamente, o trabalho de campo que se iniciaram em

fevereiro contou com uma equipe com devido fluxograma de atividades, além de um roteiro de onde se disponibilizava o tempo e o espaço de onde a festa acontecia, contendo 64 dias em sua extensão, que vai de domingo de Páscoa ao feriado de Corpus Christi.

Durante a produção do material de pesquisa de campo da festa foram geradas 30 mil fotografias, das quais, 1500 foram selecionadas para ilustrar a festa e seus diversos ícones. Foi produzido também um montante de 130 horas de material bruto de vídeo, das quais foram utilizadas 01h50min e outros 25min para subsidiarem o trabalho de documentação. Logo, após o encerramento do dossiê de salvaguarda da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, restava apenas a avaliação do material desenvolvido e a concepção do Registro da festa como Patrimônio Cultural Imaterial Nacional, título recebido em 2010.

Desta forma, torna-se objeto de pesquisa a festa-patrimônio e suas peculiaridades artísticas, os símbolos e sons nela presentes, assim como a relação existente entre a perpetuação da cultura através da arte produzida pelos moradores. Buscou-senos vários artistas e suas obras inspiradas nos festejos, sejam elas em tecidos, joias, fotografias, quadros, esculturas, artesanatos em geral, caixas de couro, batuques e outros sons produzidos por instrumentos diversos presentes na festa, conhecer os símbolos festivos existentes nos festejos do Divino em Pirenópolis.

Universo Festivo: símbolos, sons e personagens da Festa do Divino de Pirenópolis

Partindo do significado da palavra imagem entendida como “representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.; pequena estampa que representa um assunto religioso; símbolo; figura; comparação, semelhança” (BUENO, 1986, p. 584). E da palavra símbolo, que no dicionário da língua portuguesa significa “imagem, sinal ou objeto a que se dá uma significação moral fundada em relação natural” (BUENO, 1986, p. 1054), as diversas imagens que inspiram os artistas que residem na cidade serão, neste trabalho, chamados de Artes da Festa do Divino pelo fato de serem relacionadas à identidade cultural do lugar.

A festa do Divino em Pirenópolis possui um rico acervo visual e sonoro que pode ser estudado através de diversas categorias, pois os mesmos perpassam o imaginário local, além de representar de forma ímpar a identidade cultural do lugar. Assim, durante a festa, é

possível ver símbolos, objetos, cores e sons que constituem esse elo que interliga o lugar, a festa e as pessoas. Para Eliade

o símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. (1991, p 8-9).

Logo, em uma festa cujos enredos se transformam em uma explosão de informação e de representatividade, tenta-se identificar o valor que os mesmos representam para os pirenopolinos. Pois segundo Proença (2006), o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive. Para isso, artistas usam materiais e recursos que, na festa representam os vários enredos que ela possui através do tecido, bordados com linhas, lantejoulas e pedrarias, pinturas em mural, reciclagem em papel e uso de cerâmicas.

Em Pirenópolis, a festa do Divino não se trata apenas do culto a terceira pessoa da Santíssima Trindade, sendo possível verificar outros festejos, como afirma Silva (2001)

A festa do Divino, em Pirenópolis, estruturou-se a partir de uma diversidade de personagens, símbolos e eventos que, dinamizados pela sociedade local, adquiriram inúmeros significados. [...] Esses vários ícones em torno dos festejos do Divino acompanharam, no Brasil, diversas outras festas do tipo, que em um mesmo evento reuniam procissões, fogos, novenas, teatros, reinados, cavalhadas, folias... (SILVA, 2001, p 31-32)

A figura central da festa é representada pelo pombo branco, imagem que retrata o Divino Espírito Santo que desce do céu e distribui os sete dons no dia em que se comemora o Pentecostes, sendo esta a representação do sagrado entre os homens. Porém, outras figuras foram incorporadas à festa de Pirenópolis, e nem sempre os novos personagens são figuras religiosas, pois a festa passa por dois momentos: o religioso e o profano. Assim, interligando o divino com o ser humano, existe a figura do Imperador, que com sua coroa e cetro feitos de pura prata representa o poder máximo na festa.

O Imperador do Divino é escolhido por sorteio no domingo de Pentecoste, passa o ano preparando a festa para o ano vindouro. Durante o preparo da festa, a cidade transmuda o

espaço cotidiano em lugar sagrado e festivo, dando espaço a bandeiras, bandeirolas e as cores: azul, vermelho e branco, cetro e coroa de prata, fogos de artifícios, banda de música, batuques de caixas de couro, peças teatrais e muito mais.

No Brasil a figura representativa do império já era difundida devido à vinda da família real portuguesa para o território nacional, onde nas celebrações era comum celebrar o poder político, seja na figura do rei e de suas autoridades.

Em Pirenópolis, esta simbologia do Império, nas festas do Divino, possivelmente existiu nesse período. No primeiro Jornal que circulou na cidade, *Matutina Meiapontense*, encontramos algumas situações festivas que elucidam a relação das festas em a celebração do Império (SILVA, 2001, p. 25).

Ele é escolhido por sorteio no domingo de Pentecoste e o responsável pela organização da festa e de seus vários momentos. Para os pirenopolinos a festa do Divino começa cedo, e um dos primeiros indícios que demonstram isso pode ser visto a partir do momento em que os Cavaleiros se reúnem em oração na casa do imperador. Ainda ligando o Divino ao Império, um símbolo muito comum nas festas do Divino no Brasil é a Coroa e o Cetro. Em Pirenópolis, esses artefatos foram confeccionados em prata pura no ano de 1826, pelo então imperador da época.

Durante as celebrações do Divino, acontecem simultaneamente as Cavalhadas, que é formada por um universo de 24 cidadãos pirenopolinos, os quais ficam responsáveis pelo entretenimento da multidão, assim como os visitantes durante os três dias de Cavalhadas. Do seu total de montarias, esses homens são divididos igualmente entre Cavaleiros Mouros e Cavaleiros Cristãos, ambos encenam o ato de conquista e conversão que houve no período das cruzadas, onde o Rei Carlos Magno foi responsável pela dominação dos mulçumanos (Mouros) no oriente médio. Originalmente, essa encenação foi trazida ao Brasil para ser meio de catequização. Porém, aqui em Pirenópolis ela é usada tradicionalmente como parte da Festa do Divino assim como para a diversão dos cidadãos.

Anterior à saída das folias, inicia-se a produção das tradicionais verônicas, doce distribuído no domingo de Pentecoste. Também conhecida como alfenim, o doce é remete a colonização portuguesa na cidade. “Introduzidas em Pirenópolis em 14 de maio de 1826, pelo imperador daquele ano, Pe. Luiz Manuel Amâncio da Luz” (CURADO, 1980, p. 82), as

verônicas são distribuídas pelo Imperador após a missa do Divino, onde é tradição as crianças se vestirem de branco para o acompanhá-lo durante o trajeto da igreja para sua casa. O doce que se assemelha a uma esfera achatada e de superfície plana, tem impressa de forma artesanal em uma das faces figuras relacionadas à festa, tais como a coroa do Divino, o Pombo e a cruz.

Outra figura marcante encontrada na Festa do Divino é o Mascarado, personagem que segundo Silva (2001) quase sempre esteve relacionado às Cavalhadas, onde um dia antes do seu acontecimento já se torna comum avistar os Mascarados.

No sábado do Divino, os primeiros grupos saem pelas ruas, e vão aumentando progressivamente até o último dia de Cavalhadas. Os mascarados podem estar a pé ou a cavalo, sozinhos ou em grupos, mas todos devem estar camuflados a ponto de disfarçar a própria voz para não serem identificados. As fantasias desses personagens não segue nenhum padrão, cada um se veste como quer e como pode (SILVA, 2001, p. 48).

No sábado do Divino também acontece o Auto de Natal: As Pastorinhas, cujos ensaios são incansáveis para que a peça seja apresentada na sexta-feira e no sábado anterior às Cavalhadas. Jarbas Jayme relata que,

no início da década de 1920, um telegrafista nordestino que visitava Pirenópolis encenou a peça *As Pastorinhas*, auto próprio do Natal e muito difundido no Nordeste. Porém, como não quis emprestar o texto para os artistas locais, que muito se interessaram pela novidade, Joaquim Propício de Pina copiou o auto às escondidas e até os dias atuais este é encenado durante os festejos do Divino. (2001, p. 38-39).

A origem das Pastorinhas não se remete a um longo período de tempo, não sendo igualmente antiga como outras figuras presentes na festa. Porém, a tradição do natal em pleno mês de maio e junho é mantida desde 1923.

Há uma grande expansão dos personagens encontrados na festa, os mesmos participam não só de forma ilustrativa do cortejo do Imperador, como também seguem para a residência do Rei e da Rainha de Nossa Senhora do Rosário, assim como também o lar dos juizes de São Benedito. Caso representado pelas figuras que compõe o cenário festivo da festa nos dois dias seguintes é o Congo, representantes das culturas indígenas e negra na festa por meio de seus padroeiros – Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Segundo Brandão,

Sem pudor algum os negros congos e moçambiques dizem que quando saem pelas ruas e visitam lugares, tocando os seus tambores, cantando marchas de guerra, dançando gingas, fazem, ao mesmo tempo, uma devoção e uma diversão (BRANDÃO, 2004, p. 29).

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito originalmente não pertencia ao cronograma da Festa do Espírito Santo. O mesmo era visto por muitos como uma festa paralela às celebrações da Festa do Divino, pois acontecia no dia posterior do domingo e Pentecostes. Assim, o culto à padroeira da cidade foi instituído

157

sob a influência da Igreja. No entanto, ao circular entre os negros, a devoção do Rosário foi reelaborada, com o acréscimo de elementos da cultura africana. Assim, ao se organizar em irmandades religiosas, os negros produziram um catolicismo alternativo, em relação às determinações eclesiais, do qual a própria elite local participou. (SILVA, 2001, p 44).

Estas festividades acontecem pela manhã da segunda e terça-feira que sucede ao domingo de Pentecostes. Ambas as celebrações, eram organizadas pelas irmandades de negros, as quais eram responsáveis por selecionar os reis, rainhas e juizes de cada comemoração. Ainda como parte do conjunto da festa, pode-se citar a Contra-Dança, também conhecida como “Pau-de-Fita costuma se apresentar em dois movimentos da Festa do Divino. No Domingo de Pentecostes pela manhã, casais de crianças vestidas de branco, com fitas vermelha na cintura e chapéu” (IPHAN, 2010, p 109).

A festa ainda ampliou seus recortes espaciais, deixando, por exemplo, as Cavalhadas sair de seu lugar original que era o largo da Matriz, para o antigo campo de futebol, atual “Cavalcódromo”. O auto que é um grande teatro ao ar livre foi uma prática difundida por todo o Brasil. O que justifica a primeira Cavalhada realizada na cidade em 1826. Porém, por se tratar de algo que normalmente é custeado pelo Imperador, as Cavalhadas não necessariamente aconteceram sucessivamente, isto é, houve anos em que esse teatro não ocorreu, como mostra Pinto (2011).

Desse modo, partindo, da cultura como uma construção intersubjetiva, é possível perceber como as artes e os sons produzidos a partir da festa do Divino se fazem presentes, entrelaçando os fios que formam as teias que constituem o tecido cultural do lugar. Como indica Halbwachs (2004) a “memória coletiva”, cujo passado não é preservado, mas

reconstruído coletivamente com base no presente. As artes e os sons, assim como as palavras e os termos, “não têm um fim em si mesmos; são vias de acesso ao sentido, aos sentimentos e às ideias expressas, ao meio histórico ou às imagens delineadas, quer dizer, àquilo que importa” (2004, p. 195).

Portanto, “a ‘integridade’ da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado” (GIDDENS, 1997, p. 82), pois para um pirenopolino, “essa festa não se acaba; essa festa não tem fim”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Wilson Rocha. **Os Moradores e as Representações de Goiás n’A Matutina Meiapontense (1830 - 1834)**. Goiânia, 2007. (Dissertação de Mestrado).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclóre Brasileiro, 1978.

_____. **De tão longe eu venho vindo: Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2004;

BUENO, Francisco da Silveira (org.). **Dicionário da escolar da Língua Portuguesa**. 11ªed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1972.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Legislação de Proteção: Pirenópolis-GO**. Brasília: Serviço Público Federal Ministério da Cultura, 1996.

CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis: uma cidade para o turismo**. Goiânia: Oriente, 1980. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo).

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê da Festa do Divino Espírito Santo, Pirenópolis – GO**. Brasília: 2010.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia, UFG, 1971, vol. I e II 626p.

LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. São Luís do Maranhão: Departamento de Cultura do Estado, 1981.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces geográficos de um mundo festivo** – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Tese (Doutorado em Geografia)

MATTA, Roberto da. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

OLIVEIRA, Eliézer C. “**Vivendo sem um Tostão Furado**”: O uso Cotidiano do Dinheiro em Goiás (1808 - 1848). *In* Revista de História Regional, v 16, p. 602 – 629, 2011.

159

PALACIN, Luís. **O século do ouro em Goiás 1722-1822**: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4ª ed. Goiânia: UCG, 1994.

PINTO, Leandro da Silva. **Cavalcadas de Pirenópolis como atrativo turístico**. Pirenópolis: 2011. (Graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo).

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino**: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: AGEPEL, 2001. 229 p.